

Quintana

O poeta do simples

2006

centenário
de nascimento



Mário Quintana

O poeta
do
simples



A Superintendência de Bibliotecas Públicas, unidade da Secretaria de Estado da Cultura, tem o prazer de elaborar mais uma exposição comemorativa de um especial centenário: o de Mário Quintana.

O bruxo Quintana, o anjo Quintana, o "poeta do simples", nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, em 1906 e morreu em 1994, tendo encantado três gerações de leitores.

Se perguntarem porque antecipamos essa comemoração, diremos que são coisas do coração, tempo para apreciar uma das obras mais significativas da poesia brasileira.

Como as demais exposições, esta também foi feita para circular entre as bibliotecas públicas municipais de Minas Gerais.

A Superintendência de Bibliotecas Públicas cumpre o seu papel de incentivar a leitura porque como disse o poeta

"... ao ler alguém que consegue expressar-se com toda a limpidez, nem sentimos que estamos lendo um livro: é como se o estivéssemos pensando."

Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

Mário Quintana



Natural de Alegrete, RS. É o poeta das coisas simples. Despreocupado em relação à crítica, faz poesia porque "sente necessidade", segundo suas próprias palavras. Em 1928 ingressou no jornal O Estado do Rio Grande. Após ter participado da Revolução de 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, retornando em 1936 para a Livraria do Globo, em Porto Alegre, onde trabalhou sob a direção de Érico Veríssimo. Traduziu Charles Morgan, Rosamond Lehman, Lin Yutang, Proust, Voltaire, Virginia Woolf, Papini, Maupassant. Em sua poesia há um constante travo de pessimismo e muito de ternura por um mundo que, parece, lhe é adverso.

Mário Quintana

A canção da vida

A vida é louca
a vida é uma sarabanda
é um corrupio...
A vida múltipla dá-se as mãos
como um bando
de raparigas em flor
e está cantando
em torno a ti:
Como eu sou bela amor!
Entra em mim, como em uma
tela de Renoir
enquanto é primavera,
enquanto o mundo não poluir
o azul do ar!
Não vás ficar
não vás ficar aí...
como um salso chorando
na beira do rio...
(Como a vida é bela! como a
vida é louca!)



Mário Quintana



Dedicatória

Quem foi que disse que eu escrevo para as elites?

Quem foi que disse que eu escrevo para o bas-fond?

Eu escrevo para a Maria de Todo o Dia.

Eu escrevo para o João Cara de Pão.

Para você, que está com este jornal na mão...

**E de súbito descobre que a única novidade é a poesia,
O resto não passa de crônica policial social política.**

E os jornais sempre proclamam que "a situação é crítica"!

Mas eu escrevo é para o João e a Maria,

Que quase sempre estão em situação crítica!

E por isso as minhas palavras são quotidianas como o pão nosso de cada dia

E a minha poesia é natural e simples como a água bebida na concha da mão.

Mário Quintana

Quintana
por
Quintana



Quintana

O auto - retrato

No retrato que me faço

- traço a traço -

às vezes me pinto nuvem,

às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas

de que nem há mais

lembrança...

ou coisas que não existem

mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco

- pouco a pouco -

minha eterna semelhança,

no final, que restará?

Um desenho de criança...

Corrigido por um louco!

Apontamentos de História Sobrenatural

Mário Quintana

**Quintana
por
Quintana**



Quintana

Das utopias

**Se as coisas são inatingíveis...
ora!**

**Não é motivo para não querê-
las...**

**Que tristes os caminhos, se não
fora**

**A presença distante das
estrelas!**

Espelho Mágico

Da eterna procura

**Só o desejo inquieto, que não
passa,**

**Faz o encanto da coisa
desejada...**

**E terminamos desdenhando a
caça**

Pela doida aventura da caçada.

Mário Quintana

Os poemas

Os poemas são pássaros que
chegam
não se sabe de onde e
pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles
alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em
cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas
mãos vazias,
no maravilhado espanto de
saberes
que o alimento deles já estava
em ti...

Esconderijos do Tempo



Mário Quintana

Para Érico
Veríssimo

Amigos

XII

O dia abriu seu pára-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.
Depois surgiu, no céu azul
arqueado,
A Lua - a Lua! - em pleno meio-
dia.

Na rua, um menininho que
seguia

Parou, ficou a olhá-la admirado...
Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes
falta

Pra suportarem a existência
rude!

E eles sonham, imóveis,
deslumbrados,

Que são dois velhos barcos,
encalhados

Sobre a margem tranqüila de um
açude...



A Rua dos Cataventos

Mário Quintana

Para
Augusto
Meyer



Canção de barco e de olvido

Não quero a negra desnuda.
Não quero o baú do morto.
Eu quero o mapa das nuvens
E um barco bem vagaroso.
Ai esquinas esquecidas...
Ai lampiões de fins de linha...
Quem me abana das antigas
Janelas de guilhotina?
Que eu vou passando e
passando,
Como em busca de outros ares...
Sempre de barco passando,
Cantando os meus quintanares...
No mesmo instante olvidando
Tudo o de que te lembrares.

Canções

Mário Quintana

Para
Paulo
Ronái

O velho do espelho

Por acaso, surpreendo-me no
espelho: quem é esse
Que me olha e é tão mais velho
do que eu?

Porém, seu rosto... é cada vez
menos estranho...

Meu Deus, meu Deus... Parece
Meu velho pai que já morreu!
Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar duro interroga:
"O que fizeste de mim?!"

Eu, Pai?! Tu é que me invadiste,
Lentamente, ruga a ruga... Que
importa?! Eu sou,
ainda,

Aquele mesmo menino teimoso
de sempre

E os teus planos enfim lá se
foram por terra.

Mas sei que vi, um dia a longa,
a inútil guerra!

Vi sorrir, nesses cansados olhos,
um orgulho triste...



Mário Quintana

Poeminha do contra



**Todos esses que aí estão
atravancando meu caminho,
eles passarão...
eu passarinho!**

Caderno H

Mário Quintana

Mário Quintana

Bibliografia

Em português



- A Rua dos Cataventos (1940)
- Canções (1946)
- Sapato Florido (1948)
- O Batalhão de Letras (1948)
- O Aprendiz de Feiticeiro (1950)
- Espelho Mágico (1951)
- Inéditos e Esparsos (1953)
- Do Caderno H (1973)
- Pé de Pilão (1975) - literatura infanto-juvenil
- Apontamentos de História Sobrenatural (1976)
- Quintanares (1976) - edição especial para a MPM Propaganda.
- A Vaca e o Hipogrifo (1977)
- Na Volta da Esquina (1979)
- Esconderijos do Tempo (1980)
- Lili Inventa o Mundo (1983)
- Nariz de Vidro (1984)
- O Sapo Amarelo (1984) - literatura infanto-juvenil
- 80 Anos de Poesia (1985)
- Da Preguiça como Método de Trabalho (1987)
- Preparativos de Viagem (1987)
- Porta Giratória (1988)
- A Cor do Invisível (1989)
- Velório sem Defunto (1990)
- A Rua dos Cataventos (1992) - reedição para os 50 anos da 1a. publicação.
- Sapato Furado (1994)

Mário Quintana

Ficha Técnica

Governo do Estado de Minas Gerais
Aécio Neves

Secretaria de Estado da Cultura
Eleonora Santa Rosa

Superintendência de Bibliotecas Públicas
Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

Coordenação Geral
Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

Texto
Graça Maria Fragoso
Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

Designer Gráfica
Bernadete Nery

Fotos
NEVES, Liane.(Org.) A Porto Alegre de
Mario Quintana. Porto Alegre: Leonid Streliaev,
2004

Realização
Superintendência de Bibliotecas Públicas

Apoio
Associação de Amigos da Biblioteca Pública
Estadual Luiz de Bessa

Superintendência de
Bibliotecas Públicas /
Minas Gerais



SA

BE

Associação de Amigos
da Biblioteca Pública
Estadual Luiz de Bessa

